



**CÁRITAS DIOCESANA
DE ITABIRA**

Histórias de Pescadoras: memórias, saberes e territorialidades do Rio Doce

Território 01 (Rio Casca e Adjacências) e Território 02 (Parque Estadual do Rio Doce e sua Zona de Amortecimento)



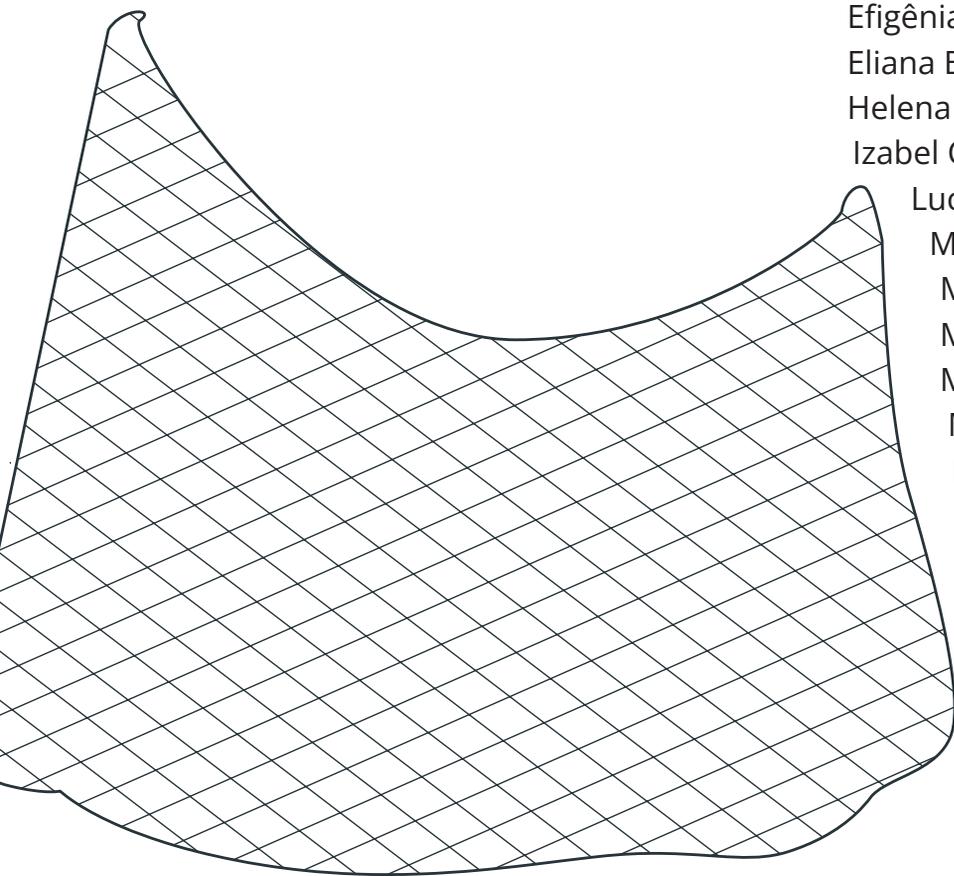
CADERNOS DE CULTURA
MEMÓRIAS DO RIO DOCE

Agradecimentos

Esta publicação foi elaborada a partir de entrevistas e oficinas realizadas com pescadoras dos territórios de “Rio Casca e Adjacências” e do “Parque Estadual do Rio Doce e sua Zona de Amortecimento”, durante o mês de março de 2024. Neste material, os relatos serão identificados somente pelos municípios de origem, de modo a preservar a identidade das mulheres e o vínculo com os relatos apresentados.

Agradecemos a todas as mulheres que, ao longo dos Territórios de Rio Casca e Adjacências e do Parque Estadual do Rio Doce e sua Zona de Amortecimento, tecem suas histórias e a vida em comunidade. Agradecemos, especialmente, àquelas que participaram dos espaços que subsidiaram esta publicação:

Adriana R. Gregório
Aparecida Oliveira da Silva Reis
Diva da Luz Venâncio
Edna Martins Rodrigues de Oliveira
Efigênia Maria de Oliveira
Efigênia Lima
Eliana B. Vasconcelos Souza
Helena Lima dos Reis Silva
Izabel Cândida da Silva
Lucimar F. G. Andrade
Madalena da Silva Lopes
Maria Aparecida Gonçalves Silva
Maria Aparecida Ventura
Maria das Graças M. Glória
Maria dos Anjos Marques
Maria José Sales Valadares
Maria José Ventura
Nair A. Lana Freitas
Rosely Dias Duarte
Sandra Maria Vasconcelos
Sidinéia de Lurdes Duarte
Vandervânia Veríssimo Souza
Vera Maria das Graças de Assis



Sumário

Apresentação.....	6
Caderno 1: As mulheres e a atividade pesqueira nos Territórios 01 e 02.....	8
Memórias, saberes e territorialidades: a dimensão imaterial e simbólica dos danos ocasionados pelo rompimento da barragem de Fundão.....	10
Entre rios, córregos e lagoas: a atividade pesqueira como modo de vida.....	15
O olhar das mulheres sobre os danos à atividade pesqueira.....	21
(In)Visibilidade - O reconhecimento das mulheres como pescadoras atingidas.....	25
A percepção das mulheres sobre a restrição de acesso a áreas no entorno do Rio Doce.....	30
O futuro que queremos: perspectivas das mulheres sobre a continuidade da atividade pesqueira.....	34
Referências.....	39

EXPEDIENTE

Título: Cadernos de Cultura “Memórias do Rio Doce” - Histórias de Pescadoras: memórias, saberes e territorialidades do Rio Doce

Conteúdo: Amanda Cleomara, Karina Coelho, Monalisa Carmo e Thalita Rody

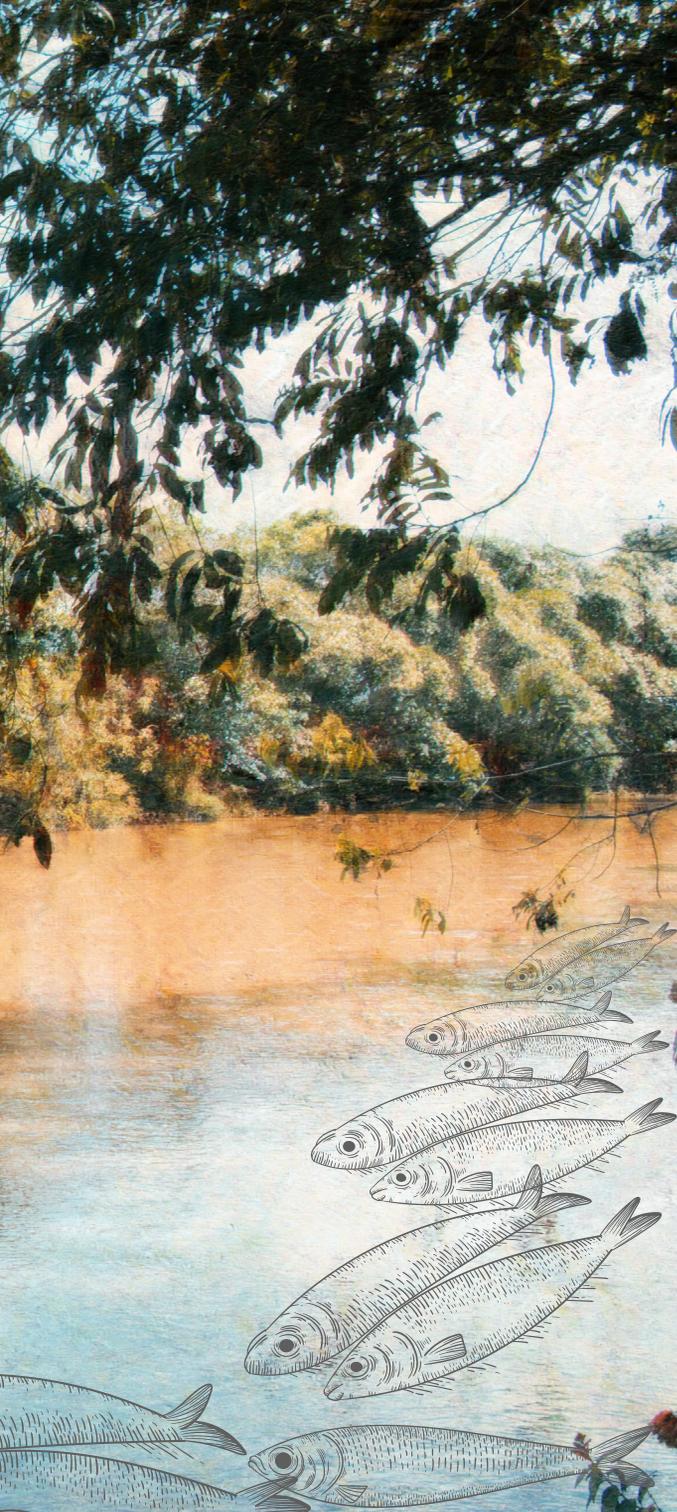
Revisão: Amanda Cleomara, Ana Paula Alves, Gabriel Dayer Moreira, Miguel Araujo, Thalita Rody e Tainara Torres

Diagramação/Projeto Gráfico: Miguel Araujo

Data da publicação: Março de 2025



Foto: Acervo/Cáritas Diocesana de Itabira



Eu não acreditava. Eu cheguei lá naquela ponte metálica, ali fiquei olhando, horas, comecei a chorar. Você fica parada, ao mesmo tempo olhando aquilo ali, não dá para acreditar, não dá, é pesado. No início, foi muito difícil. É uma coisa que era a vida da gente. É como se você tivesse perdendo alguém da família. Morreu alguém. Para mim, tudo é vida: a água, os peixes, as plantas.

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]

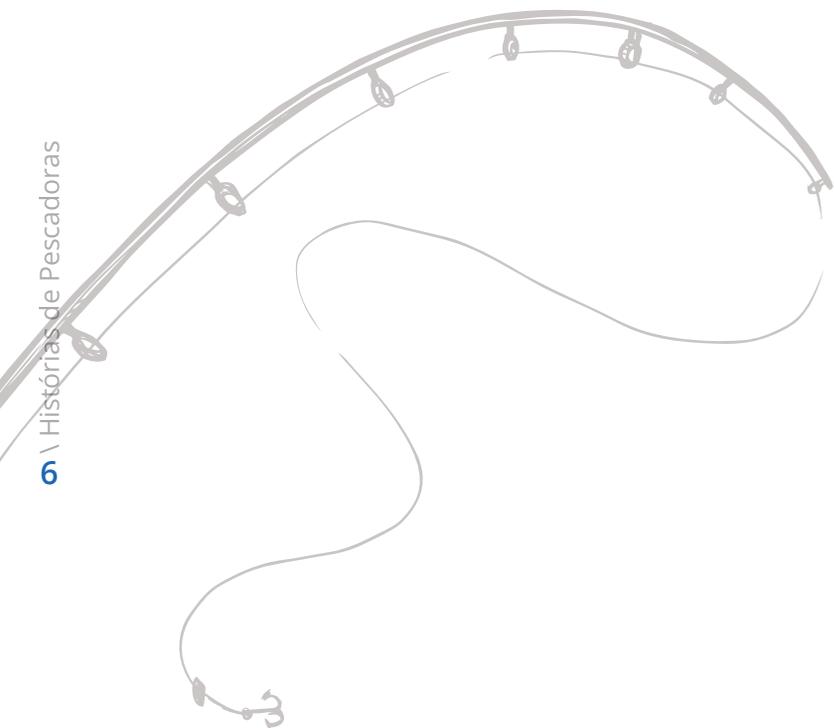
Apresentação

O *Caderno de Cultura “Memórias do Rio Doce”* é uma publicação elaborada como forma de valorizar os saberes e as perspectivas das pessoas atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, dos Territórios de “Rio Casca e Adjacências” e do “Parque Estadual do Rio Doce e sua Zona de Amortecimento”. Este é o primeiro volume de uma coletânea de publicações que serão elaboradas pela Assessoria Técnica Independente (ATI) prestada pela Cáritas Diocesana de Itabira.

O material tem o objetivo de registrar, valorizar e divulgar lembranças, saberes, memórias, técnicas, ritos e olhares das pessoas atingidas sobre suas próprias histórias e relações com o Rio Doce, seus afluentes, lagoas e cachoeiras.

Esses conhecimentos, práticas e festividades são parte do cotidiano das pessoas e revelam um modo de viver que ganha sentido e vida nesses territórios margeados pelas águas da Bacia do Rio Doce. Reconhecer essas expressões e esses modos de vida como patrimônio imaterial é uma forma de garantir o direito à memória e a sua continuidade ao longo das próximas gerações.

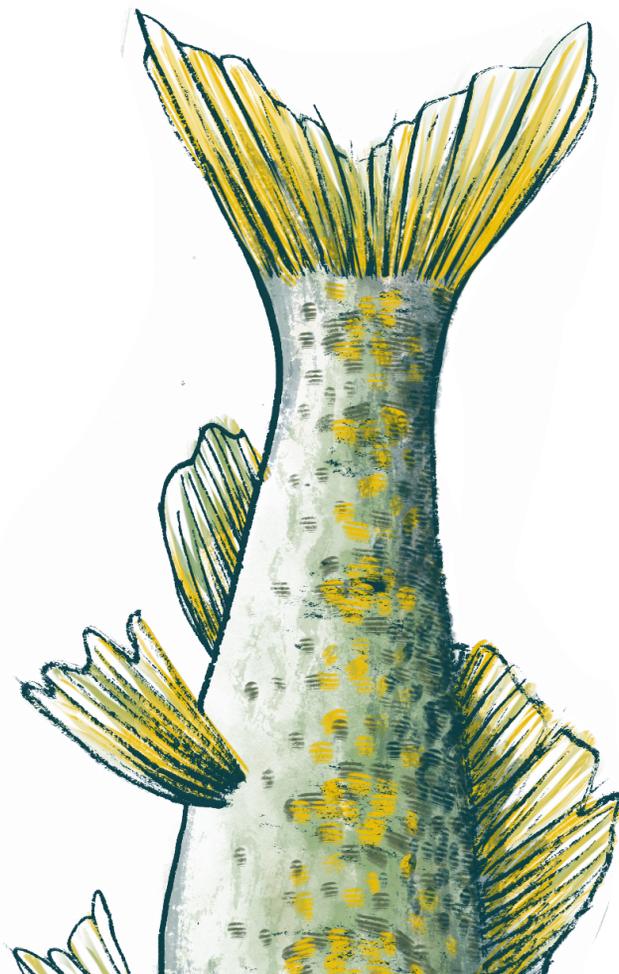
Nesse sentido, acionamos a imaterialidade como forma de garantir o direito à memória por meio do contato com as vozes responsáveis pela construção desses conhecimentos. Percebemos, nessa escuta e nessa troca, a possibilidade de anunciar as dimensões da reparação necessária às pessoas atingidas.



Falamos de **modos de vida, saberes e práticas** que foram completamente modificados para esta geração e as seguintes, uma vez que aquelas e aqueles que nasceram depois do rompimento, ou que ainda eram muito pequenos em 2015, não viveram as histórias e os conhecimentos associados às águas da Bacia do Rio Doce. Esse tipo de situação interfere fortemente no reconhecimento das pessoas atingidas, uma vez que apaga elementos que contam sobre suas tradições, origens e vínculos.

Os Cadernos de Cultura “Memórias do Rio Doce” são, portanto, um meio de valorizar e divulgar formas de expressão, ritos, ofícios, técnicas e conhecimentos associados aos modos de vida e às territorialidades que se fazem em relação a esses territórios.

Neles, as pessoas atingidas são protagonistas de suas histórias e relatam suas perspectivas sobre suas vidas e comunidades em uma relação com os danos provocados pelo rompimento. A publicação oportuniza aos públicos de diversas faixas etárias conhecer e reconhecer suas histórias, saberes, fazeres, atividades coletivas, ritos e celebrações associadas aos seus modos de vida e territorialidades.



Caderno 1: As mulheres e a atividade pesqueira na Bacia do Rio Doce

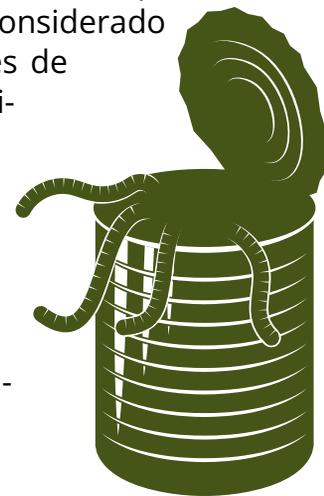
O primeiro volume da publicação *Cadernos de Cultura "Memórias do Rio Doce"* é dedicado às perspectivas das mulheres atingidas sobre a atividade pesqueira realizada nos rios, córregos e lagoas da Bacia do Rio Doce entre os Territórios de "Rio Casca e Adjacências" e do "Parque Estadual do Rio Doce e sua Zona de Amortecimento".

Tendo como pano de fundo os danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão sobre as atividades relacionadas à pesca, este instrumento tem como objetivo registrar memórias e narrativas de pescadoras atingidas. Ao considerar a preservação de técnicas passadas e construídas por essas mulheres ao longo de gerações, falamos sobre formas de vida apreendidas em um cotidiano compartilhado com outras pescadoras e com toda a comunidade.

São modos específicos de tratar o pescado que traduzem saberes tradicionais e reivindicam o

reconhecimento das práticas femininas como fundamentais para a garantia de direitos, o que é comumente desconsiderado. Assim, a decisão de iniciar esta publicação com as mulheres está relacionada à invisibilidade a que elas têm sido submetidas ao longo do processo de reparação integral.

Essa invisibilidade aparece, principalmente, de duas formas: a primeira está relacionada ao fato de o Cadastro Integrado, realizado pela extinta Fundação Renova, ter considerado as mulheres como dependentes de seus maridos, o que impossibilitou que muitas delas fossem contempladas com os programas indenizatórios. A segunda diz respeito à invisibilização das mulheres como pescadoras, já que a pesca foi compreendida pela Fundação Renova, enquan-



to ainda operava, apenas como o ato de captura do pescado, desconsiderando um conjunto de atividades associadas que integram a atividade pesqueira. Essa compreensão limitada da pesca prejudicou muitas mulheres, que não conseguiram comprovar o seu vínculo com a atividade pesqueira.

Diante desse contexto, esta publicação coloca as mulheres como protagonistas de suas histórias, registrando seus saberes, narrativas e perspectivas sobre a atividade pesqueira em relação ao rompimento da barragem de Fundão.



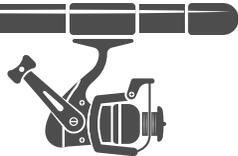


Memórias, saberes e territorialidades: a dimensão imaterial e simbólica dos danos ocasionados pelo rompimento da barragem de Fundão



A gente cresceu beirando o rio. Por não ter água em casa, a gente buscava água no rio, ia para o Rio lavar roupa. Depois que nós acabava, podia tomar banho no rio, então aquilo pra gente era maravilhoso, é uma coisa que já veio de berço, desde pequeno. Infelizmente hoje isso morreu, porque eu não posso passar para os meus filhos.

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]



Em novembro de 2015, o desastre socioambiental provocado pelo rompimento da barragem de rejeitos de Fundão, localizada no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana (MG), devastou a Bacia do Rio Doce entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. O “mar de lama” que atingiu o Rio Doce e, consequentemente, a sua bacia hidrográfica, causou e continua causando inúmeros danos às pessoas que vivem em seu entorno. A perda de casas, embarcações, roças e criações são alguns exemplos de danos, os quais possuem uma dimensão material que impactou diretamente no trabalho e na renda das comunidades atingidas.

Nesta publicação, destacamos a dimensão imaterial dos danos, aqueles que, embora tão devastadores quanto os materiais, não são facilmente reconhecidos. A **imaterialidade está relacionada à dimensão simbólica da vida social**, incluindo os saberes; ofícios; modos de fazer; celebrações; formas de expressão religiosa, cênicas, plásticas, musicais e lúdicas; histórias; lendas e cosmologias; e também aos lugares onde essas práticas coletivas ganham vida. Portanto, os danos que atingem pessoas e comunidades ameaçam a continuidade

de tudo aquilo que expressa e é parte de suas culturas e modos de se relacionar com esses territórios.

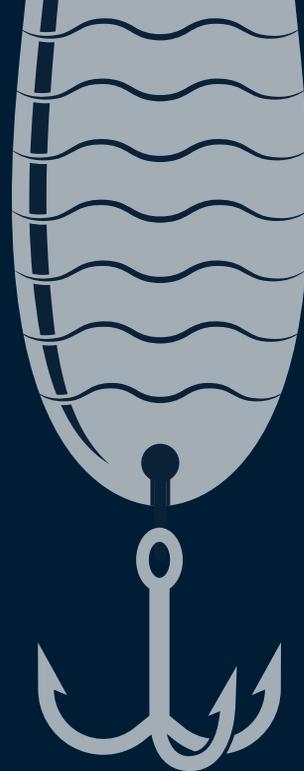
Os lugares atingidos pelo rompimento também são caracterizados pela forma como as pessoas vivem e constroem relações simbólicas com o Rio Doce e seus afluentes. Nesses modos ameaçados, identificamos a centralidade do rio na construção de relações que conectam a prática das mulheres que buscavam nessas águas formas de se relacionar e trocar. Nos caminhos feitos para atender a atividades básicas, como a retirada de água do rio e a lavagem de roupas, estavam as práticas cotidianas que, atualmente, são memórias afetivas.

Acompanhamos o impedimento de uma tradição “vinda de berço” e que passa a ser retomada apenas através de memórias, afetos e tristeza pelas gerações futuras, sem garantia dessa experiência. Portanto, mais do que uma região geográfica cuja natureza sofreu danos pela devastação ocasionada pelo “mar de lama”, a Bacia do Rio Doce é um ambiente vivo e dinâmico, feito, também, dos usos e sentidos dados pelas pessoas que vivem nela.

Na água, aprendi a pedir licença pra Xangô, porque ele é o dono da água e das pedras, para poder estar pescando. Também são muitas coisas, né? Muitas coisas boas, muito conhecimento que vai ficar mais ali na memória.

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]

Essa dimensão simbólica e imaterial está diretamente relacionada à forma como as pessoas tecem suas histórias em confluência com rios, lagos, ribeirões, córregos e lagoas. **Os recursos naturais constroem as memórias que produzem as tradições.** Assim, além de um recurso natural, essas águas são parte das práticas e saberes que organizam as comunidades, com seus diversos sentidos sociais e espirituais.

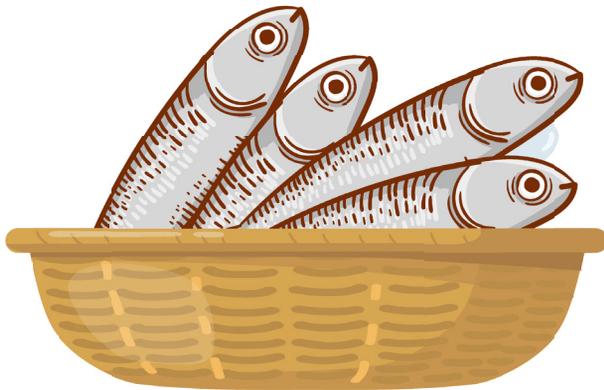


Como era a única área de lazer que a gente tinha, eu não consigo, até hoje, olhar pra água sem sentir dor. Eu vejo que é uma coisa que Deus criou, eu vejo que é maravilhoso, que é lindo e eu gosto de estar ali. Eu me sinto em casa, sinto tranquilidade, mas, infelizmente, hoje a gente não tá vendo isso.

[Pescadora de Baixa Verde - Dionísio]

Ao olharem para o Rio Doce e seus afluentes, as pessoas atingidas veem mais que um local de trabalho. Para elas, o Rio Doce é lugar de memórias, um local que traz paz, possibilita o lazer, a diversão e a reunião de familiares, vizinhos e comunidade. Colocá-lo em risco é, também, uma ameaça à forma como essas pessoas se relacionam e elaboram o mundo, com suas formas próprias de organização, de produzir conhecimento e de construir espaços de socialidade.

Por isso, surgem os questionamentos: **como mensurar danos que são imateriais? Como reparar pessoas e comunidades por danos que inviabilizam o seu modo de vida?**



Esses peixes mais barrentos, como o pacumã, eles costumam ter gosto de terra. Tem gente que fala que ele tem gosto de barro, né? Mas eu sou apaixonada com ele, gosto tanto dele que eu nem vejo esse gosto não. Não é fácil para você arrumar ele, você tem que estar jogando água fervendo, passar na faca. Ele é bem complicado para arrumar, mas eu gosto de mexer com ele. Eu acho, assim, é uma terapia limpar ele.

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]

Entre rios, córregos e lagoas: a atividade pesqueira como modo de vida





Quando a gente era criança assim, a minha mãe pescava, a minha avó pescava, então passou da minha avó para minha mãe, e dela pra mim. A família toda sempre viveu de pescar. Ah, a gente tomava banho, lavava roupa no rio desde pequeno, esfregava roupa com sabugo.

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]



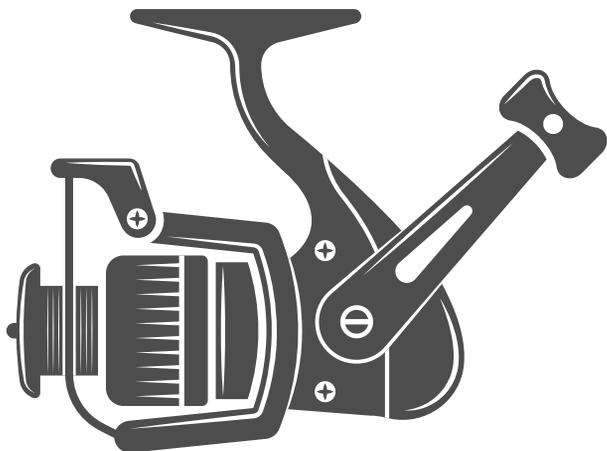
constituem um modo de vida são fixos e imutáveis, mas sim que, em meio às dinâmicas da vivência, essas práticas são reorganizadas e passadas por gerações, o que as torna fundamentais para entender os valores, crenças e práticas de cada comunidade. Da mesma forma como as culturas são dinâmicas e se modificam ao longo do tempo e em relação aos contextos onde ganham vida, assim são os modos de vida e as territorialidades na Bacia do Rio Doce, que acompanham seus movimentos e mudanças socioambientais.

Por isso, para falar sobre a dimensão imaterial dos danos ocasionados pelo rompimento da barragem de Fundão, é preciso compreender o significado e a centralidade que as águas da Bacia do Rio Doce têm na vida das pessoas e comunidades atingidas. Ao longo da atuação da ATI prestada pela Cáritas Diocesana de Itabira, foram realizadas inúmeras atividades em espaços participativos, nas quais a prática da pesca sempre foi mencionada. Durante as entrevistas realizadas para esta publicação, ouvimos relatos sobre como o Rio Doce e seus afluentes são locais essenciais para a reprodução de uma forma de viver: é próximo do Rio Doce, seus afluentes e lagoas que as pessoas se sentem bem.

Nessa memória, que fica cada vez mais distante e não encontra vazão para ser repassada e ensinada às gerações seguintes, estão conhecimentos, técnicas, costumes, modos de fazer e histórias que ganham vida nesses territórios e dão sentido às trajetórias dessas pessoas. A perpetuação dessas práticas comuns no cotidiano é o que chamamos de modos de vida, e é neles que se encontram os movimentos que simbolizam territorialidades. Ou seja, modos específicos de se relacionar com determinados ambientes terrestres e aquáticos, como a bacia do Rio Doce. Isso não significa dizer que tais elementos que

Porque não tem coisa melhor do que você ficar na beira da água. É bom demais, acaba o estresse, você esquece desses problemas da vida, entendeu? A proibição da pesca mexeu muito com o psicológico das pessoas.

[Pescadora de Messias Gomes - São José do Goiabal]

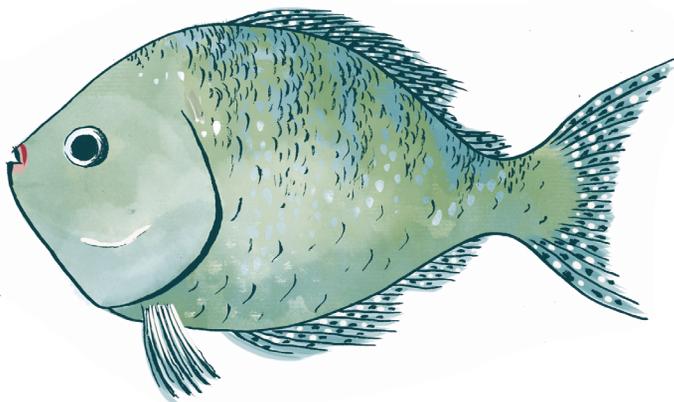


Ao ouvir as narrativas de mulheres pescadoras sobre seus lugares de vida, é notável que a pesca tem uma centralidade que extrapola o universo da renda e do trabalho. Mais do que uma atividade geradora de renda e de subsistência, **a pesca expressa um modo de vida que se constrói na relação com as águas** que cortam esses territórios. A pesca é parte da cultura, das relações familiares, do lazer; ela conjuga saberes, técnicas e histórias, proporcionando espaços de comunhão entre familiares, vizinhos, comadres e compadres. Além disso, a pesca oportuniza importantes processos de ensino-aprendizagem das inúmeras atividades relacionadas à prática pesqueira. Essas atividades são passadas de geração em geração, por meio da oralidade e da observação direta: as crianças aprendem a pescar observando e fazendo junto aos seus familiares, o que possibilita a construção de uma infância por meio dos valores da comunidade.

Durante a Oficina Participativa “Mulheres e a Pesca”, realizada no distrito de Baixa Verde, em Dionísio, algumas mulheres relataram o quanto a pescaria as ajudou em momentos difíceis:

Como uma terapia, a pesca proporcionava um momento de paz, onde eu podia esquecer meus problemas de saúde.

[Pescadora de Baixa Verde - Dionísio]



Deixar de viver perto das águas ou de tê-las em boas condições de uso pode afetar a saúde física das pessoas, por meio do consumo da água, de peixes, hortaliças e criações contaminados. Esses danos também afetam a saúde mental, como é possível perceber em inúmeros relatos de pessoas que passaram a sofrer com quadros depressivos e de ansiedade.

A forma como esses danos são sentidos pelas pessoas revela a dimensão imaterial que não é facilmente percebida. Portanto, mais do que uma forma de obter renda, a pesca expressa um modo de viver e de se relacionar com as águas da Bacia do Rio Doce.

As pescadoras das comunidades rurais dos municípios assessorados pela Cáritas Diocesana de Itabira contam, com orgulho, o quanto a pesca foi importante para que elas conseguissem ter melhores condições de vida. Para muitas delas, a pesca é o momento em que elas têm para, juntas, se divertirem.

Pesca um lambari primeiro no córguinho, depois a gente pega uns anzol de toco, um toco assim, mais uma corda comprida com uns dez metros de corda, põe anzol, aí põe o lambari ali, finca o pau na beira do rio, no barranco, e joga. E depois a gente volta pra ver os peixes que ficaram ali. Tinha dias que nós duas pegava o mesmo peixe, cada uma no seu anzol.

[Pescadora de Volta do Revólver - Sem Peixe]

Ao relatar sobre a pesca de toco (ou de barranco) e a pesca de balaio, as pescadoras mencionaram os aprendizados passados por suas mães e avós, o que demonstra a importância

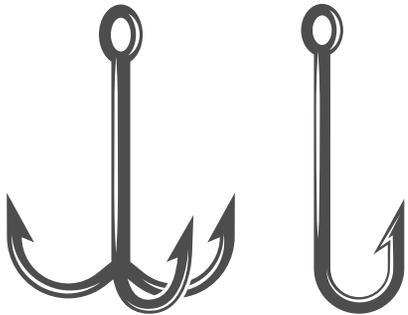
dos conhecimentos que eram compartilhados nas relações entre mulheres e a capacidade delas de multiplicar os elementos das tradições ao repassar para filhas e filhos:

A prática que a minha mãe me ensinou e que eu continuava com meus filhos, era o seguinte: a gente entrava no rio tudo junto, a criançada toda junta. Um seguravam os balaio e outras iam mexendo os matos. Alguém tem que mexer os matos, para os peixes vir para dentro do balaio, e a outra pessoa vai empurrando o balaio. Então, a gente pescava dessa forma aqui, bem próximo do barranco, enfiando o balaio dentro da lama mesmo, e outros vindo mexendo no mato, de lá pra cá. Essa mexida no mato faz com que os peixes entrem tudo dentro. É uma prática que a gente tinha desde criança mesmo. Nossa, gente, que coisa mais gostosa que era, era maravilhoso!

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]

Por meio da pesca, as pessoas também mantêm vínculos comunitários, como é o caso da troca, que diz sobre organizações econômicas fundamentadas em princípios específicos.

As relações de troca, tradicionais nas comunidades, não se resumem ao pescado, embora a pesca seja parte fundamental das dinâmicas entre as pessoas de uma mesma comunidade. A partir de uma visão coletiva que permeia a vida em comunidade, é comum que produtos sejam trocados ou doados. Muitas vezes, as relações não necessariamente ocorrem como uma “troca” propriamente, mas como uma doação espontânea e em via de mão dupla: isto é, doa-se para o outro o que se produziu ou pescou em grande quantidade e, também, ganha-se do outro sua produção excedente — o que pode ocorrer em diferentes momentos.



Nem sempre você tinha dinheiro para comprar verduras, por exemplo, então era na base da troca. Quando eu pescava e sobrava, eu trocava. Trocava numa panela, trocava uma bacia e a verdura que você tinha em casa era essa. É uma troca e, ao mesmo tempo, um ajudando o outro. Cada um sempre tinha uma coisa ali para trocar.

[Pescadora de Baixa Verde - Dionísio]

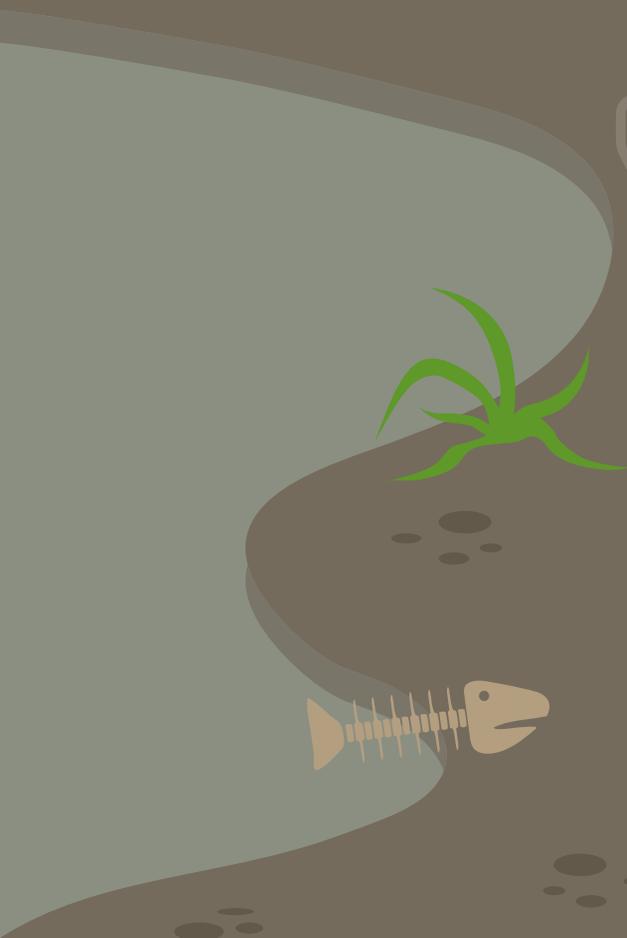
Essas práticas de solidariedade e reciprocidade são parte do que alimenta o tecido social das comunidades e promove a conexão entre as pessoas. Além da manutenção da vida em comunidade, as relações de doação e troca possibilitam a diversificação da alimentação, contribuindo para a soberania e a segurança alimentar das pessoas. São práticas que contribuem, ainda, para a economia familiar, uma vez que permitem que as pessoas deixem de comprar, mas não deixem de consumir, já que ganharam ou trocaram produtos.

O olhar das mulheres sobre os danos à atividade pesqueira



Como forma de mensurar e valorar os danos decorrentes do rompimento da barragem de Fundão, foram elaboradas matrizes de danos que definem quanto valem as atividades produtivas ou mesmo os equipamentos utilizados em sua

execução. Mas como medir danos imateriais? Como medir a perda de um rio? Como medir o valor de um conhecimento que é passado de geração em geração? Quanto vale o sofrimento que as pessoas tiveram com a morte do Rio Doce?

An illustration of a riverbank. On the left, a green plant with long, thin leaves grows from a dark, rounded mound of earth. Below the mound, a fish skeleton is visible, lying on the ground. The background is a dark, muted green color with faint, light-colored circular patterns scattered across it.

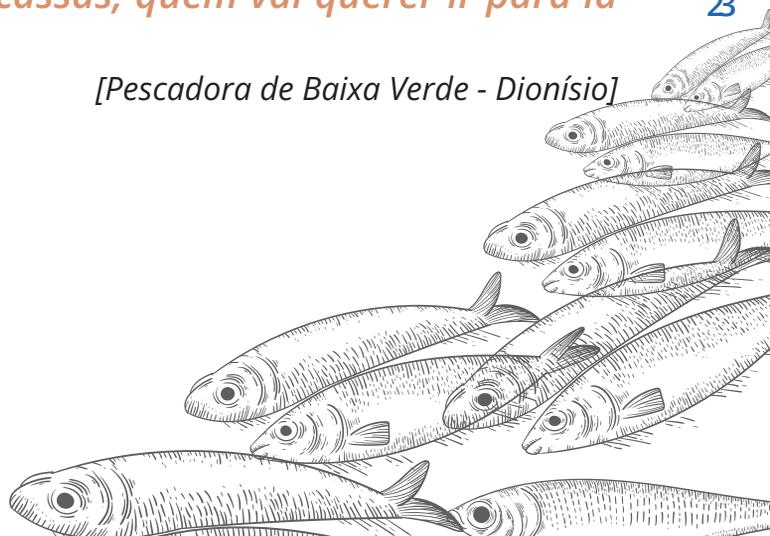
Aí vem essa tragédia. Aí a gente entrou numa tristeza danada. Na primeira semana, eu acabei adoecendo também. E muito mau cheiro, né? E as criação do rio morreu tudo: peixe, capivara, pato, jacaré, pássaro, abelha. Numa galhada, ficou preso um peixe que era do tamanho de um homem. Ficou uma fedentina nessa baixada toda, ninguém aguentava tanto fedor. Nós estamos muito próximo do rio aqui, o cheiro vinha com o vento. A lama tomou tudo.

[Pescadora de Volta do Revólver - Sem Peixe]

Durante os espaços participativos desenvolvidos com as mulheres, os relatos relacionados às dimensões das perdas são percebidos tanto no que foi dito quanto nos sentimentos que expressam ao relatar o momento em que se depararam com os efeitos do rompimento em suas comunidades:

Quantas espécies na flor da água, uns ainda lutando para ver se ia sobreviver, mas foi o rio descendo aquele montão de bicho. Nossa foi muito bicho. Muito ruim, a água toda suja, aquela lama, peixe de tudo quanto é espécie, tamanho, sofrendo com aquela lama que tava descendo. Se os responsáveis tivessem sido um pouquinho prudentes, hoje a gente não tava passando o que estamos passando. Os nossos filhos não perderiam o direito de viver o que nós vivemos, ter o direito de participar mais da natureza. Hoje tem que ir trabalhar fora da cidade que você mora, porque a atividade dos seus pais já não é possível mais. Simplesmente o rio não vai voltar a ser o que era. As lagoas escassas, quem vai querer ir para lá pescar fazer o quê?

[Pescadora de Baixa Verde - Dionísio]



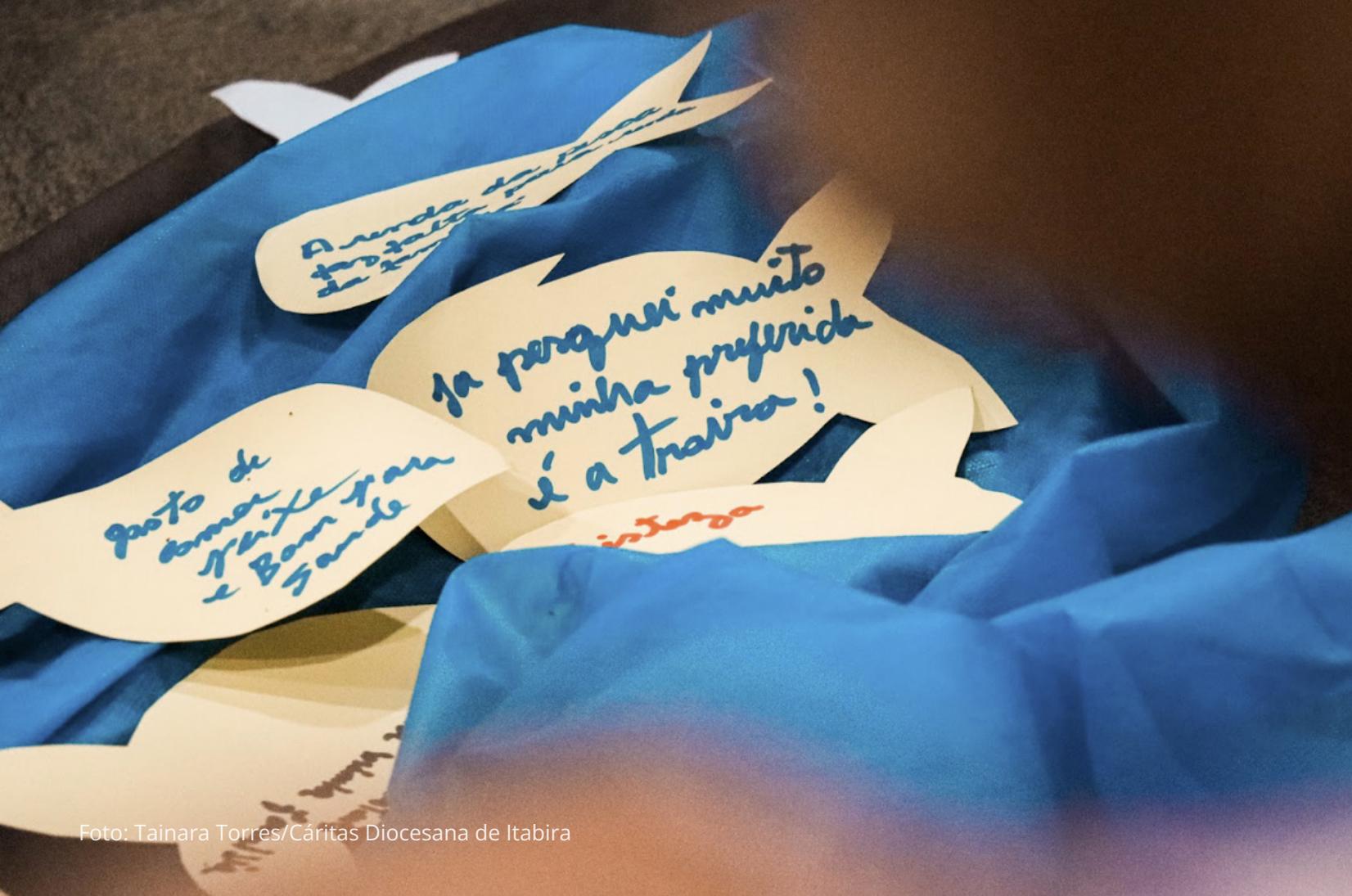
Os relatos apresentam, ainda, os olhares das mulheres de forma integral, relacionando os danos desde o momento do rompimento até os dias atuais. Elas dizem sobre as perdas ambientais, culturais, materiais, imateriais, simbólicas, tradicionais. Muitas relatam a tristeza de, hoje, ser inviável a manutenção de práti-

cas que historicamente faziam parte da vida da comunidade e das famílias, como a pesca. Importa destacar que o pesar diz respeito não somente às perdas materiais - financeiras ou relacionadas às práticas alimentares - mas também à tradição de irem, em família, até a beira do rio.

Hoje, você ir no Rio, nem pensar, porque além de não ser confiável, não é um alimento que você pode garantir a venda dele para alguém, então assim, os meus filhos já não comem, eu já não como, meus filhos já não vão no dia da manhã pescar, nem aprender essa profissão. Pelo menos aqui onde a gente mora, no município de Bom Jesus do Galho, em Revés de Belém, já tá perdendo essa prática, sim, porque não tem como eu levar os meus filhos para aprender alguma coisa que a gente aprendeu quando era criança, porque já tá contaminado. Não tem mais as atividades que tinha antes, antes a gente ia com os meus filhos tomar um banho fazer um piquenique enquanto tava lá pescando, hoje não tem mais nem essa graça. Não é fácil não, é triste.

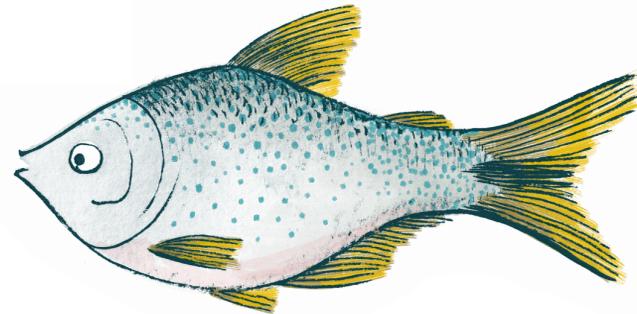
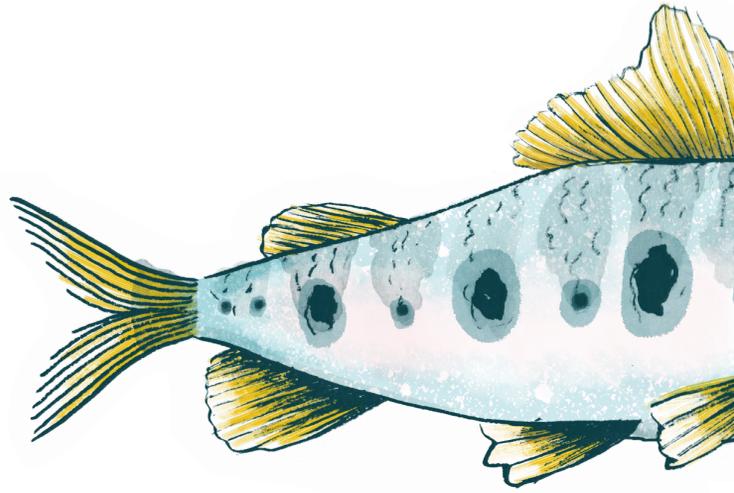
[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]

(In)Visibilidade - O reconhecimento das mulheres como pescadoras atingidas



Infelizmente, é uma tragédia que acabou com a vida de muitas mulheres, não foi só de homem, não, porque muitas mulheres pescavam, muitas saem quatro horas da manhã, se você ainda vir aqui no Revés umas quatro, cinco horas, você ainda vê pessoas com a varinha de anzol que ainda tá lutando para ir para as lagoas, mas muitas já não têm mais essa capacidade, porque, além de perder a área de lazer, perdeu a área de renda, perdeu muita coisa, então não foi pouco.

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]



A invisibilização das mulheres tem várias marcas em nossa sociedade, e nesses casos, é importante destacar como isso está vinculado a um conjunto de conhecimentos que também é apagado. São mulheres que enfrentam desafios relacionados ao não reconhecimento da participação econômica na atividade pesqueira e à territorialidade, uma vez que enfrentam as ameaças e os apagamentos da imaterialidade que constrói suas identidades.



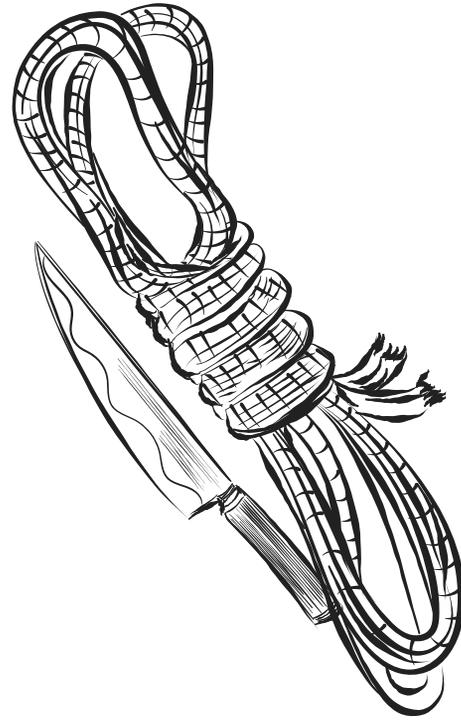
Ainda hoje, a gente já tá em 2024, isso aconteceu em 2015, e a gente ainda vê que eles acham que nem todas as mulheres tinham a capacidade de estar no rio. Eles não reconhecem que a gente tinha essa capacidade de estar lá, de estar lá pescando, de cuidar dos filhos, de tirar um dia da semana, porque não é sempre que você pode estar todos os dias no rio, você limpava sua casa, punha filhos pra escola. Mas voltava, que era lá a sua área de lazer, que era lá que você tirava o seu pão de cada dia. E, mesmo assim, eles não reconhecem que a gente é mulher.

[Pescadora de Baixa Verde - Dionísio]

As análises dos dados secundários sobre o caso Samarco e dos produtos elaborados a partir dos espaços participativos da ATI prestada pela Cáritas Diocesana de Itabira destacam a invisibilidade das mulheres no processo de reparação integral. Somado a isso, a sistematização dos relatos e demandas de mulheres atingidas nos espaços participativos da ATI revela como o trabalho das mulheres, especialmente na pesca, é percebido como uma extensão de suas funções enquanto mães, avós, filhas e tias. Historicamente consideradas atribuições de mulheres, os afazeres domésticos e os trabalhos de cuidado da casa e de suas famílias não têm sido socialmente reconhecidos como trabalho; logo, não são passíveis de remuneração, reconhecimento e reparação.

Porque a hora que os maridos chegavam, quem limpava? Eram mulheres. Eles chegam e jogam a rede, as bolsas lá, sacola de peixe. Quem ia para o tanque? Quem ia limpar a rede, por ela para secar para ele voltar a pescar na próxima pescada? A mulher tava ali atrás e, mesmo assim, não teve reconhecimento.

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]



A invisibilização das mulheres no processo de reparação integral é, portanto, reflexo da maneira como a sociedade as vê. Nesse sentido, as mulheres atingidas são duplamente afetadas pelos danos decorrentes do rompimento da barragem de Fundão, já que, além de serem pessoas atingidas pelo rompimento e cujas vidas foram intensamente modificadas, precisam lutar para que seu reconhecimento como pessoa atingida seja legitimado diante da sociedade, das empresas responsáveis pelo rompimento e do Poder Público.

Eu acho que, quando estamos pescando, não tem diferença da mulher pescadora para um homem pescador. A mulher pesca tanto quanto o homem, apesar de nem sempre ser reconhecida. Muitas de nós não fomos indenizadas, mas nossos maridos, sim.

[Pescadora de Baixa Verde - Dionísio]

Os relatos apontam, ainda, que a invisibilidade das mulheres e das atividades por elas desempenhadas conformam um apagamento dessas pessoas como sujeitas de direito. Da mesma forma, o não reconhecimento de suas atividades e a ausência de alternativas, por parte da Fundação Renova, promoveram a destinação compulsória de muitas delas a outros tipos de atividades.

No rio não era assim, você poderia pescar e comer, vender o que sobrava ainda para você ter o alimento dentro da sua casa e hoje não tem como, não tem aonde, não tem o que fazer e, para mim, faz perder o dia inteiro e não conseguir pescar e não conseguir nenhuma renda. É onde eu preferi optar por fazer um curso de cuidador de idoso e trabalhar nessa área.

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]



An aerial photograph of a river with a wooden bridge crossing it. The riverbanks are rocky and sparsely vegetated. The water is turbulent and brownish, suggesting sediment or pollution. The bridge is made of weathered wooden planks and beams.

A percepção das mulheres sobre a restrição de acesso a áreas no entorno do Rio Doce

Além dos relatos indicando o pesar relacionado à perda do rio em função da contaminação das águas, houve a recorrência de mulheres dizendo sobre a restrição de acesso às áreas no entorno do Rio Doce. Os relatos indicam que áreas de acesso às águas do Rio foram cercadas, de modo a impedir o acesso a esses espaços, historicamente possíveis de serem acessados por toda a comunidade.

An aerial photograph of a dam structure, likely made of wood or concrete, spanning across a river. The water is highly turbulent, with white foam and brownish-orange hues, indicating a strong current or spillway. The surrounding landscape is rocky and appears to be a natural, somewhat rugged environment. The overall scene conveys a sense of power and environmental impact.

Quem sabe um dia [o rio] volta, né? Se a Vale, a BHP e a Samarco resolvessem, realmente, olhar para as mulheres que ainda não receberam, se resolvessem olhar pela recuperação do rio. Eles venderam as beiradas dos rios, isso não podia acontecer. Então, que eles revisem as próprias palavras dele de proteção para o ser humano, de proteção para a natureza, de proteção do meio ambiente, porque, na prática, não é assim que funciona.

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]

E você não tem direito mais de entrar na beira do rio, porque, em todo lugar que você chega, tem porteira, tem cerca, agora isso aí é propriedade privada. É triste, porque até os direitos da gente, de ir e vir, foram privados. Eu tinha acesso ao rio, eu podia pescar, sabe? Eu queria fazer um piquenique com os meus filhos, eu ía. Na época que tinha as roça de milho, eles catava os milho todo.

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]

Há, também, questionamentos relacionados às ações da Fundação Renova frente à realidade da contaminação das águas e das vidas interconectadas ao Rio. Conjugando sentimentos e racionalidade, os relatos abaixo apontam aspectos relacionados ao comprometimento da qualidade das águas diante da ausência de ações por parte das empresas responsáveis pelo rompimento da barragem de rejeitos de minérios em Fundão.

Eu tenho fé [que o rio possa ser recuperado]. Acreditar, não, porque o que já foi, não volta, que é muito minério, é muito barro, é muita sujeira. Então, assim, se os peixes que tinha não aguentou, eles vão trazer outro e colocar... Vai funcionar? Se eles não fizeram uma capturação e não fizeram uma limpeza, achando que só a chuva que Deus mandou vai limpar toda essa imundice que tá lá no fundo? Não vai.

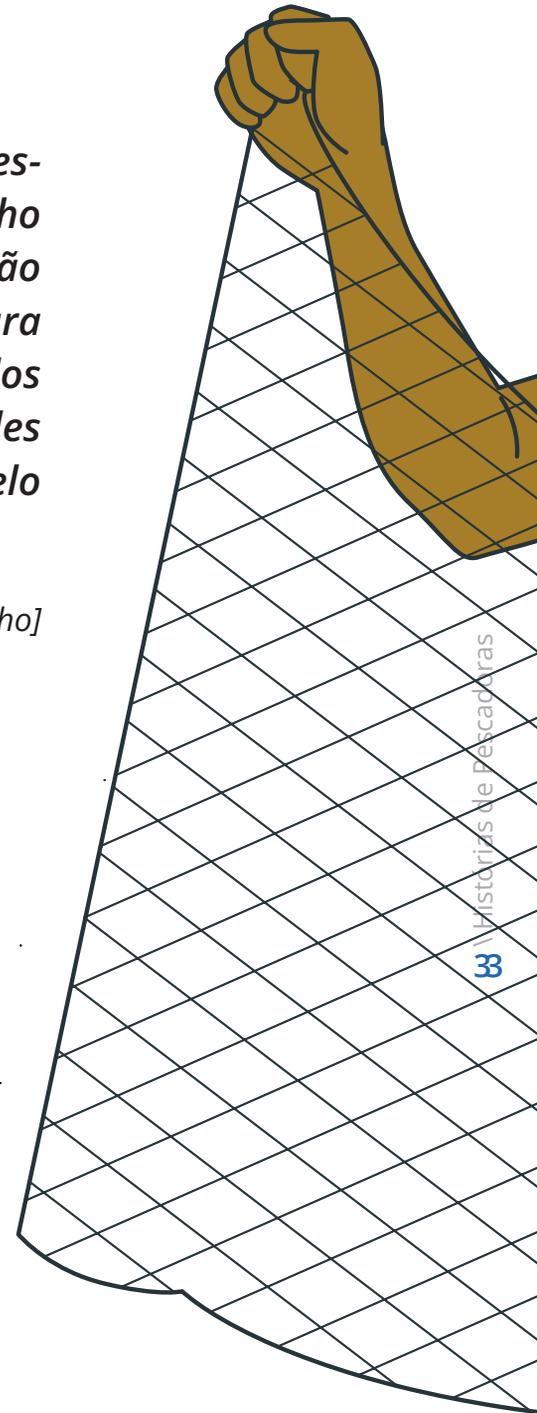
[Pescadora de Volta do Revólver - Sem Peixe]

Eles não fizeram um procedimento, sabe? Se eles tivessem limpado, não sei de que forma, porque eu não tenho estudo para isso, não sou arqueóloga, geóloga, eu não sou nada. Mas se eles tivessem feito alguma coisa para melhorar, talvez, sim, daqui uns 30, 50 anos, os filhos dos meus filhos ou dos meus netos, quem sabe, um dia, eles poderiam ter a chance de viver o que eu vivi. Mas, pelo que eu vejo, não, só se for pela fé mesmo.

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]

O pessoal foi embora porque não receberam da Samarco, então não tinha como sobreviver aqui. As empresas também foi tudo embora, como é que vai sobreviver, entendeu?

[Pescadora de Messias Gomes - São José do Goiabal]



O futuro que queremos: perspectivas das mulheres sobre a continuidade da atividade pesqueira

COMO OS NOSSOS CONHE-
CIMENTOS PODEM
CONTINUAR EXISTINDO?

- COOPERATIVA

- ASSOCIAÇÃO

Em meio às dificuldades causadas pelos danos decorrentes do rompimento, é interessante perceber como as pescadoras atingidas cultivam uma esperança de tempos melhores, de voltar a usufruir livremente do Rio Doce.

Esta seção, portanto, está dedicada aos relatos e às perspectivas sobre os danos sentidos por elas, enfatizando o desejo de que possam retomar seus modos de vida e as relações comunitárias em torno do Rio. São relatos que evidenciam, ainda, o fato de que, para as mulheres, os danos sofridos são imensuráveis.

Não quero mudar, né? Eu quero é a melhora da minha cidade, do lugar que eu escolhi, eu quero a melhora para, no dia de amanhã, pelo menos meus netos, bisnetos ou tataranetos possam voltar a viver um pouco do que eu vivi. Eu não quero sair do lugar que eu escolhi viver.

[Pescadora de Baixa Verde - Dionísio]

Se você me perguntar o que eu queria para mim, que é o que me fazia bem, o que me fazia sentir viva, era voltar para o rio e ter minha vida como eu já tinha, por mais que tivesse dificuldade, mas eu tinha mais felicidade do que o que eu tenho hoje. Hoje eu tô trabalhando para sobreviver.

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]

O saudosismo com que se referem às atividades que eram exercidas nas águas da Bacia do Rio Doce revela não somente aspectos da organização social dessas comunidades, como, também, a forma como as mulheres cultivam e mantêm relações umas com as outras em torno de atividades no Rio. A pesca é, para muitas delas, o momento de estarem juntas, como demonstra o relato de duas amigas pescadoras.



Se o rio fosse limpo, ia ser maravilhoso, a gente ia voltar a pescar juntas no Rio Doce, a alegria que eu tinha de viver, de estar no meio da natureza, de estar dentro do mato, de tomar um banho sabendo que a água é segura e limpa, como nosso pai criou.

[Pescadora de Volta do Revólver - Sem Peixe]



Foto: Tainara Torres/Cáritas Diocesana de Itabira



Eu queria estar no rio pescando, eu queria ter o direito de entrar, tomar banho, você poder dar um mergulho, ficar umas duas horas ali, dentro da água, e sair geladinha. Tem coisa melhor?

[Pescadora de Revés do Belém - Bom Jesus do Galho]



As vidas das pescadoras dos territórios “Rio Casca e Adjacências” e “Parque Estadual do Rio Doce e sua Zona de Amortecimento” foram drasticamente alteradas em função do rompimento. Para essas mulheres, não é mais possível pensar ou falar sobre o Rio Doce e as atividades pesqueiras sem refletir, comparativamente, sobre um antes e um depois do rompimento da barragem de rejeitos, ocorrido em Mariana, no ano de 2015.

Apesar das dificuldades, da invisibilidade e da falta de diálogo com que o processo de reparação tem sido conduzido, as pescadoras de Rio Casca, São Domingos do Prata, São José do Goiabal, São Pedro dos Ferros, Sem-Peixe, Raul Soares, Dionísio, Pingo-d’Água, Córrego Novo, Bom Jesus do Galho, Marliéria, Timóteo e Caratinga seguem cultivando suas memórias, seus conhecimentos e suas práticas em um ato de resistência.

Que essa publicação possa contribuir para que suas vozes e suas histórias ecoem mundo afora.

É o lugar onde eu sinto paz, independente da dor que eu tenho. É um lugar que Deus criou, ele te deu, ele te proporcionou uma coisa tão linda, não tem porque você ter motivo de não voltar, de não querer viver, de não querer aquilo ali para você.

[Pescadora de Messias Gomes - São José do Goiabal]

Referências

ARAÚJO, M.de F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, v. 17, n.2, p.41-52, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/BVXTfbqbzJJYh7pwSkjdzpN/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em abril de 2024.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **A Situação das Mulheres Atingidas pelo Desastre do Rio Doce a partir dos Dados da Ouvidoria da Fundação Renova**. Rio de Janeiro; São Paulo: FGV, 2019b. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/documentos/fgv/fgv_a-situacao-das-mulheres-atingidas-pelo-desastre-do-rio-doce-a-partir-dos-dados-da-ouvidoria-da-fundacao-renova> . Acesso em Março de 2024.

_____. **Racismo e o Processo de Remediação do Desastre da Barragem de Fundão**. Rio de Janeiro; São Paulo: FGV, 2021a. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/documentos/fgv/2021/fgv_racismo-e-o-processo-de-remediacao-do-desastre-da-barragem-de-fundao-1.pdf>. Acesso em março de 2024.

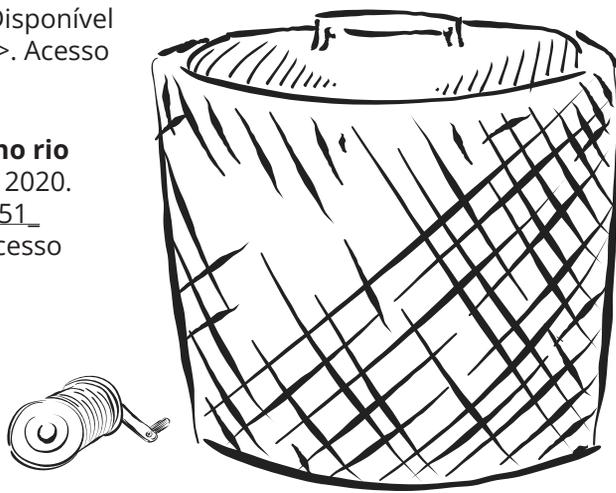
_____. **O Rompimento da Barragem de Fundão na Perspectiva das Mulheres Atingidas: Uma Análise de Gênero**. Rio de Janeiro; São Paulo: FGV, 2022. Disponível em: <<https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/documentos/fgv/2023/fgv-rompimento-de-fundao-na-perspectiva-das-mulheres-atingidas.pdf>>. Acesso em março de 2024.

GALEB, A. C.M.et. al.. O acesso à justiça de mulheres atingidas no caso Rio Doce. **Revista Direito e Práxis**, v. 13, n.4,p.2122-2157, out. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rdp/a/Kz8xfPHdFExHPbB7LyWzvKjF/#>>. Acesso em abril de 2024.

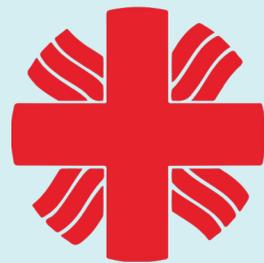
GANTUS-OLIVEIRA, T. Vulnerabilidade de gênero e raça e o olhar interseccional sobre os desastres. **Revista Estudos Feministas**, v. 32, n.1, 2024. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/zCM86YkygWHG8gnH5PdcTyq/#>>. Acesso em maio de 2024.

OLIVEIRA, P. da C. et al. **Pesca artesanal e o desastre ambiental no rio Doce** (livro eletrônico). Campos dos Goytacazes, RJ: Zappes/FAPERJ, 2020. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/344036651_PESCA_ARTESANAL_E_O_DESASTRE_AMBIENTAL_NO_RIO_DOCE>. Acesso em abril de 2024.

SOBRAL, Mariana Andrade. **Relatório Preliminar sobre a situação da mulher atingida pelo desastre do Rio Doce no Estado do Espírito Santo**. Vitória: DPES, 2018.



CADERNOS DE CULTURA
MEMÓRIAS DO RIO DOCE



CÁRITAS
DIOCESANA
DE ITABIRA